

Coluna do Castello

Do respeito à autoridade

Sarney - Embaixada

Em primeiro lugar, parabéns ao presidente José Sarney por ter, na entrevista de ontem, se aproximado da postura ideal de um diálogo público entre jornalistas e uma personalidade do seu nível. A retórica e o ímpeto oratório foram quase postos de lado. Só faltou uma cadeira que substituísse a tribuna e trocasse a solenidade pela informalidade de um assento com uma pequena mesa em que houvesse um copo d'água. A população pôde ouvir seu presidente quase no seu estilo habitual de excelente conversador e contador de histórias, a quem não faltam bom humor, inteligência e rapidez na réplica.



A iniciativa das questões, por conta da reportagem credenciada, pouco afastou o diálogo dos refrões do debate econômico, no momento em que havia um conflito político que dominava na hora da entrevista a atenção dos ouvintes. Mas duas perguntas permitiram ao presidente dizer coisas substanciais sobre o assunto. A primeira foi que a maior afronta ao presidente da República é negar-lhe a liberdade de exercer a sua autoridade. A segunda foi que, se o sr. Ulysses Guimarães se sentiu afrontado pelas demissões ocorridas na véspera, terá sido por não estar inteiramente informado do que se passou. Ele tem pelo presidente do PMDB o maior respeito e a maior estima e acha que ele saberá entender que o presidente da República tem o direito de exercer na plenitude sua autoridade e que os partidos devem ajudá-lo a cumprir seu dever sempre que esteja em jogo o interesse público. No episódio da demissão do ministro do Interior e do superintendente da Sudene, o que estava em jogo era a hierarquia, "um caso de ordem".

Para o sr. Ulysses Guimarães, no entanto, o presidente teria falhado ao não lhe comunicar antes de divulgá-las suas decisões, sobretudo quando elas envolvem a situação política, o partido que preside e o destino da Aliança Democrática. Além do caso da demissão do sr. Dorany Sampaio, na presidência do PMDB de Pernambuco, uma espécie de *guru* do governador Miguel Arraes e pessoa largamente prestigiada em todo o Nordeste, o sr. José Sarney cometera a indelicadeza de demitir um funcionário indicado pelo senador Rui Bacelar, sem aviso prévio ao governador Waldir Pires, com quem estivera na véspera. As duas demonstrações de desprestígio do partido somavam-se de modo a gerar um novo problema, e grave, nas relações do PMDB com o governo. Isso ocorria no momento em que, de acordo com combinações com o presidente, os srs. Ulysses Guimarães e Marco Maciel tentavam recompor a face da Aliança Democrática para que ela operasse como uma força de compatibilização e estabilização dentro da Constituinte.

Quanto ao ex-ministro Joaquim Francisco Cavalcanti, ele voltou ao Recife domingo último disposto a levar sua inconformidade com o comportamento do superintendente da Sudene às últimas consequências. É claro que essa não era a única dificuldade para o exercício do seu ministério. Havia problemas na Sudam, no Banco da Amazônia e em outros órgãos onde as decisões tomadas ignoravam a existência do ministro. Na terça-feira, os problemas do respeito hierárquico ao titular da pasta, que nela não permaneceria sem que exercesse plenamente sua autoridade, foram levados ao presidente, que lhe pediu alguns dias. Já antes, na primeira tentativa de afastar-se, atendera ao presidente, que solicitara dele esperasse a convenção antes de colocar o assunto em caráter definitivo.

Na quinta-feira, sem resposta aos agravos, o ministro Joaquim Francisco foi ao Planalto e lá deixou a sua carta, solicitando o encontro com a imprensa no qual antecipou os conceitos do presidente sobre respeito à hierarquia como condição indispensável para afirmação da autoridade e previu que o governo entraria em declínio se não agisse dentro dessa linha. O sr. José Sarney correspondeu à expectativa, manejando a caneta para demitir, sem consultar a quem quer que seja, o sr. Dorany Sampaio, certamente por ter transposto a linha de respeito à hierarquia traçada pelo bom senso. Resta saber se o presidente continuará a usar sua caneta para restabelecer em outros setores a aparente desordem administrativa em setores do seu governo.

As relações com o PMDB e o PFL não estão facilitadas e o governador Miguel Arraes, que tomara a nomeação do sr. Joaquim Francisco como um "afastamento" do governo federal, deve ter encarado a demissão do sr. Dorany Sampaio como uma declaração de guerra. O caso terá repercussão no PMDB, dada a importância especial do governador. Mas para o sr. Sarney a situação não se altera. Dificilmente o novo ministro e o novo superintendente serão escolhidos na fauna pernambucana. O sr. Marco Maciel deverá ter percebido que seu estado perdeu espaço no governo, mas seu partido poderá mantê-lo, deslocando o Ministério do Interior para outra área. A Sudene abrange todo o Nordeste.

Maria Teresa Goulart estava no gabinete

A viúva do presidente João Goulart, sra. Maria Teresa Goulart, estava com audiência marcada para o ministro Joaquim Francisco para a tarde de quinta-feira. Acompanhou-a o ex-deputado Airton Soares. O tempo passava-se, no entanto, sem ser recebida e havia agitação nos corredores. A certa altura ela pediu ao acompanhante que se informasse. Alguma coisa estava se passando. O sr. Airton Soares voltou com a notícia: o ministro se demitira e não haveria audiência.

A viúva Goulart, acompanhada da filha Denise, está interessada em criar em Brasília um instituto cultural com o nome do ex-presidente.

Carlos Castello Branco